



História e escritas da história

History and writings of the history

Peter Burke
Universidade de Cambridge

Tradução Affonso Henriques da Silva Real Nunes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Com elegância e simpatia o historiador inglês Peter Burke aceitou o nosso convite de conceder uma Entrevista para *Revista Educação em Questão*. Esse foi feito logo depois de sua conferência de abertura do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, na cidade de Uberlândia, de 17 a 20 de abril 2006. As perguntas da entrevista foram elaboradas pela Profa. Dra. Marta Maria de Araújo foram imediatamente respondidas pelo professor Dr. Peter Burke.

Há cerca de doze anos um dos grandes filósofos brasileiros Renato Janine escreve o seguinte: “A Nova História é o nome que se difundiu, como rasilho de pólvora, desde que no começo dos anos de 1970 Le Goff e Pierre Nora organizaram três volumes decisivos em que discutiam novos objetos, novos métodos, novas abordagens do fazer história; mas, e esse respeito, o melhor livro é o do Peter Burke, *A Escola dos Annales*.” O que hoje representa esse reconhecimento para o historiador Peter Burke?

215

Peter Burke: Não soube deste comentário, foi gentil Renato Janine ter descrito o meu trabalho desta maneira. Fico feliz que meu trabalho seja tão amplamente comentado no Brasil por estudiosos que trabalham em diferentes disciplinas.

Como pensa as suas investigações?

Peter Burke: De certa forma, tenho executado um projeto de longo prazo desde que comecei a estudar história na universidade (entrei para Oxford em 1957). Já sabia que queria ser um historiador da cultura, meu interesse no passado foi parcialmente inspirado por um entusiasmo de estudante

pela arte e arquitetura. Também sabia que queria trabalhar com a Europa. Inicialmente, me senti mais atraído pela Idade Média, mas na época que frequentava Oxford, estava voltado para os séculos XVI e XVII, o Renascimento e o Barroco.

Quais são as etapas propriamente dita de suas investigações?

Peter Burke: Para satisfazer meus muitos interesses, deliberadamente pulo de um assunto para outro. Depois de ter escrito um livro amplo sobre o Renascimento italiano baseado em dados impressos, quis ter uma experiência trabalhando com arquivos e assim optei por uma base de dados bem mais restrita, sobre as elites do século XVII em Veneza e Amsterdã, cerca de 600 pessoas no total. Depois de ter publicado dois livros sobre as elites culturais e políticas, quis estudar a cultura de todas as outras pessoas, daí o meu amplo estudo sobre a cultura popular, que também foi a primeira tentativa de escrever sobre a Europa como um todo. A política ainda não tinha ocupado o centro de nenhum de meus estudos, então eu decidi escrever sobre um governante Louis XIV, abordá-lo como um historiador da cultura faria através de sua imagem pública. Quando eu estive no Brasil por um ano como professor visitante no Instituto de Estudo Avançados da Universidade de São Paulo (USP), tive a oportunidade de trabalhar no Brasil (até então eu só havia publicado dois artigos no Brasil, sobre romances de cavalaria e o outro sobre carnaval). Já que estava pulando de um continente para outro, pensei que poderia pular entre os séculos também e comecei um trabalho sobre Gilberto Freyre, além de compilar uma coleção de frases escritas na traseira (parachoque) de caminhões e publicá-las com um comentário nos Estados Unidos no *Journal of Popular Culture*.

O que diz do rigor científico da operação historiográfica?

Peter Burke: Na minha visão, embora não apenas na minha, em um sentido a prática histórica é científica e em outro não. Acho que foi um erro de alguns historiadores do século XIX comparar seus métodos de pesquisa com aqueles das ciências naturais e proclamar serem objetivos e imparciais. Toda pesquisa histórica envolve encontros pessoais com o passado e todos os estudos do passado são necessariamente escritos de uma posição particular, parcialmente individual, e parcialmente coletiva, expressando atitudes comuns de uma nação, classe, gênero, geração, etc. Tanto a pesquisa histórica e quanto a



análise podem ser sistemáticas e rigorosas. Por exemplo, durante séculos os historiadores coletivamente desenvolveram rigorosos métodos e princípio crítico. Os historiadores da economia em particular usam sofisticadas técnicas de análise estatística de dados. A história escrita é então uma combinação — em diferentes proporções e em diferentes estudos — de elementos “científicos” e não científicos, às vezes um complementando o outro, às vezes os dois em tensão. Cada historiador tende para um lado ou outro, mas eles precisam combinar ambos os elementos em alguma proporção com o objetivo de produzir algo de valor.

O senhor acompanha a profícua interlocução da História da Educação com a Nova História Cultural? Como avalia a confluência entre História e Educação, entre práticas culturais e práticas educacionais e entre cultura popular e movimentos educacionais?

Peter Burke: Não li muito da história da educação, mas um historiador da cultura como eu não posso ignorá-la. Quando comecei a pesquisar o século XVI admiti passar um ou dois anos estudando a educação renascentista, lendo textos das escolas e universidades do período — mas não havia como conseguir financiamento para tal. Na ocasião publiquei um artigo sobre a História da Educação, e porém o que me interessa em particular que espero, minha palestra em Uberlândia tenha demonstrado, é a educação no sentido mais amplo do termo, aquela aprendida na família, na hora do recreio, na rua, na oficina, no bar ou no café, lendo jornais e assistindo à televisão, assim como nas salas de aula ou bibliotecas das escolas ou universidades.

Segundo Maria Lúcia Pallares-Burke, uma das suas paixões historiográficas é construir pontes entre culturas, disciplinas, línguas, lugares — e então atravessá-las, com vistas largas, para conhecer o que existe do outro lado. Que investigação hoje faria de História da Educação?

Peter Burke: Por esta razão, não tenho planos de escrever sobre a educação, no sentido preciso do termo. Meu livro sobre a história social do conhecimento, inspirado parcialmente por Karl Mannheim, centra-se no conhecimento acadêmico porque era o que eu mais conhecia, mas tentar situar esse tipo de conhecimento num contexto mais amplo, de “conhecimentos” alternativos, e dizer algo a respeito dos encontros entre eles, as tais “pontas” mencionadas.

Como um historiador da recepção cultural, qual é a ressonância da produção de Gilberto Freyre nas investigações de um historiador do quilate de um Peter Burke?

Peter Burke: Descobri o trabalho de Gilberto Freyre no início dos anos de 1960 através das notas de rodapé do conhecido livro de Fernand Braudel sobre o mediterrâneo, que me levaram a *Casa Grande e Senzala*. Assim, já conhecia algo do trabalho de Gilberto Freyre quando ele veio em 1965 para a Universidade de Sussex, onde eu era professor assistente, para falar a respeito do "Fator Racial na Política Contemporânea". Não o conheci pessoalmente, mas nunca me esquecerei da palestra, especialmente, o enaltecimento à miscigenação. O que especialmente me chamou a atenção no trabalho de Gilberto Freyre, além da magia de seu estilo de prosa, foi o mesmo que encontrei em Braudel e Marc Bloch e Lucien Febvre e outros historiadores associados a revista dos *Annales*, é o conceito de um estudo, o mais amplo possível da História, incluindo as pessoas comuns e as elites, mulheres e crianças, assim como os homens adultos; descobrindo novos tópicos como a história do corpo, da linguagem, da habitação, da comida, das roupas; utilizando novas fontes (fotografia, folclore, anúncios em jornais, etc.); aproveitar conhecimentos de outras disciplinas (como Antropologia e Sociologia); combinar saberes como literatura, arte e um tom individual de voz. Assim, depois de saltar por continentes e séculos, vi me trabalhando em problemas familiares! É claro que para estudar Gilberto Freyre é preciso um íntimo conhecimento do Brasil que um estrangeiro como eu não pode alcançar, e eu não ousaria embarcar em um estudo para um grande livro de Freyre, como eu fiz, que não fosse um livro escrito em conjunto com minha esposa Maria Lucia. Nós esperamos que a combinação de um estrangeiro (até hoje interessado na cultura brasileira) e uma brasileira possa produzir um resultado interessante!

Que obras historiográficas recomendaria para leitura dos historiadores da educação?

Peter Burke: Não sei quais historiadores da educação (mais especificamente historiadores brasileiros da educação) já são lidas, assim, minhas sugestões correm o duplo risco de parecerem óbvias ou ininteligíveis. Nos anos de 1960, um estudo de historiadores da educação por historiadores não es-



pecializados neste campo me impressionou com a sugestão de que o tema não poderia ser confinado nas instituições formais de ensino — o estudo era *Education in the Forming of American Society* (Educação na Formação da Sociedade Americana), 1960, de Bernard Bailyn. Assim, quando fui convidado para lecionar na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 1986, não fiquei surpreso em descobrir que Maria Lucia estava estudando o papel educacional do jornal inglês *The Spectator*. Seguindo esta linha de raciocínio, acredito que os historiadores da educação deveriam ler sobre Sociologia, a História em diferentes mídias da comunicação, e sobre debates a respeito da natureza da cultura, tradição e inovação (Geertz, Sahlins, Kuhn etc.).

Entrevista concedida por escrito à
Profa. Dra. Marta Maria de Araújo
E-mail | martaujo@digi.com.br